



Marialva Barbosa (UFF)

ÉTICA JORNALÍSTICA OU ÉTICA HUMANA?¹

Ao se falar em ética deve-se, em primeiro lugar, perceber a existência de uma questão mais ampla que envolve a ética, ainda que existam eticidades particulares ou peculiares a cada campo.

O campo do jornalismo – que se caracteriza pela produção de um saber validado e reconhecido, mas, sobretudo pela outorga que a sociedade lhe dá por visibilizar o que em princípio poderia ficar em zonas de sombra ou de silêncio – construiu ao longo de sua constituição uma série de preceitos, destacando-se com vigor a questão da ética.

Mas gostaria nessa palestra de focar a questão do ponto não do ponto de vista de particularidades. Isso porque a ética no ensino não se restringe ao jornalismo, ainda que o campo construa especificidades que devam ser consideradas.

Falo na perspectiva não da ex-jornalista, mas da professora de ensino de jornalismo que ao longo de uma trajetória de quase 25 anos acumulou saberes a partir das trocas com os jovens que freqüentaram as múltiplas salas de aula e que nos ensinam quotidianamente mais até do que muitas vezes supomos.

Apesar dessa troca, que caracteriza o ato de ensinar, o professor possui alguns deveres e deve pautar seus comportamentos destacando em primeiro plano a questão da ética na educação.

Um biólogo francês (Jean Gayon) enfatizou numa fala nas jornadas temáticas sobre a Religião dos Saberes organizadas por Edgar Morin, na França em 1998, que a escola não poderia ir contra o humano, e nesse sentido a escola seria antes de tudo uma escola dos sentimentos. Vale a pena repetir literalmente a fala e o texto de Gayon:

“O corpo é o teatro do mundo. O mundo se exprime nele sob as instâncias do patético e não da razão, o que não passa de um instrumento lógico de tratamento do mundo. São as paixões que fundamentam o humano e lhe dão a palavra. A escola não pode ir contra o humano, ela deve ser uma escola de sentimentos. Eu defendo o prazer, é claro, mas mais do que isso, eu defendo a totalidade das emoções. São elas que permitem o reconhecimento do outro. Processos que se opõem encontram-se no centro

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



das paixões. A escola não deve, portanto, recusar a disciplina, pois mais vale disciplinar o prazer do que ignorá-lo”.

Mas o que esta frase tem a ver com o ensino? E com o ensino de jornalismo? Como inter-relacionar a questão da ligação do professor com o sentimento, com a ética no jornalismo? O que queremos formar, jornalistas capazes que exerçam seu papel com dignidade? Certamente que sim, mas para isso é preciso antes de tudo formar seres humanos.

Só a humanidade confere singularidade, confere dignidade, confere sentimentos em relações que não podem prescindir dessa ação.

Ou seja, o que estou querendo discutir é, em primeiro lugar, que antes de uma ética particular a um ensino singular, o que deve existir é uma ética humana, que coloca no centro da questão a responsabilidade do professor diante da formação total do seu aluno, seja ele, médico, engenheiro, historiador, jornalista, ou pertencente a qualquer uma das profissões, numa lógica de ensino que ainda hoje coloca em cena a departamentalização dos saberes, reproduzindo no século XXI um postulado do século XIX.

Como ensinar, como formar um aluno, num mundo nos últimos quarenta anos se caracterizou pelo fato de produzir singularidades? Diante desse mundo novo que alguns classificam como pós-moderno, outros como contemporaneidade, o cosmos se abriu a possibilidades intangíveis. E diante dessa abertura do cosmo a possibilidades de alargamento infinitas, verificamos que, ao mesmo tempo, em que pertencemos a este mundo, construído como uno, somos diferentes dele, já que não somos o mundo.

Essa premissa fundamental da chamada modernidade-mundo traz a tona questões fundamentais para aqueles que se ocupam da formação dos jovens, sejam eles professores de jornalismo ou de qualquer outra categoria, regida pela égide das disciplinas ou não.

Defrontamo-nos, em primeiro lugar, com a questão da globalidade, que torna a visão reinante na escola, superior ou não, da disciplinarização dos saberes, no mínimo ultrapassada. Diante de realidades multidimensionais, globais, transnacionais, planetárias vivemos no ensino sob a ditadura das disciplinas que – por uma questão de poder e unicamente de poder, como bem ensinou Bourdieu – procuram se perpetuar em seus nichos sem se preocupar com a própria configuração do mundo: num mundo



transnacional preocupa-nos com ensinamentos particulares, ou melhor, particularizados, como se fosse possível dividir o conhecimento em compartimentos estanques.

A segunda questão deste mundo singularmente novo que afeta a formação do estudante diz respeito àquilo de Morin chama de a não pertinência do conhecimento e do ensino.

O conhecimento não se relaciona stricto sensu a um objeto, nem a disciplinas. Mas continuamos a separar os objetos de seu meio, as disciplinas uma das outras, quando a rigor deveríamos caminhar para a confrontação dos saberes e para ensinar nossos alunos a situar esses mesmos saberes numa problemática. Só assim construímos seres reflexivos sobre o seu próprio mundo no sentido de a partir dessa reflexão, poderem construir mudanças no mundo em que se vive. A educação deve ser tributária da mudança social, e sem essa perspectiva não há possibilidade de entender o ensino como fator de transformação do mundo.

Educar, portanto, não é apenas armazenar, no sentido da acumulação, saberes. Formar é produzir e desenvolver mecanismos na direção da organização do conhecimento. Mas educar é antes de tudo ensinar ao homem que ele faz parte de uma condição, a condição humana, e que deve visualizar semelhanças e não diferenças na acumulação e na organização do seu saber. Ensinar é procurar mostrar que o destino individual está irremediavelmente ligado a um destino social, histórico, imaginário, mítico ou religioso. No mundo da tecnologia, ensinar é valorizar as relações afetivas, a cultura humanística, que coloca em cena as singularidades humanas e as subjetividades. O homem é produto da natureza e da cultura. Ensinar é ajudar o aluno a reconhecer sua própria humanidade. A cultura humanística possibilita ver os indivíduos em sua singularidade, seu lugar e papel histórico, suas paixões, ódios, ambições e ciúmes. O ser humano, como todo animal está submetido invariavelmente à morte, mas diferente do animal é o único que acredita numa vida além da morte. Mas o ser humano é mais: a sua aventura humana nos fez chegar aonde nos encontramos hoje.

Mas a escola deve ser também o lugar onde se procura entender os problemas e as incertezas da existência humana. A ética que deve prevalecer, portanto, e aí não é mais uma ética ligada a uma atuação profissional, é aquela de que pertencemos a um mesmo universo, a um mesmo lugar, pertencemos a uma mesma categoria: o humano.



Perceber o mundo dessa forma, nos livra de pré-concepções, preconceitos, olhares turvos e, sobretudo, marcados pelo ódio. Perceber a ética do humano nos leva a tentar compreender, mas empreender ações no sentido de melhorar a nossa própria existência. Um simples fato lido pela ótica prioritária de uma visão política ou econômica ganha uma nova configuração se olharmos pelas vias do humano. 11 de setembro de 2001, o mundo se chocou com o cataclismo novayorkino, por ter sido um atentado de humanos contra humanos.

É esta ética que deve prevalecer. E ela não é afeta apenas ao campo jornalístico. O campo jornalístico, é bom que se diga, construiu ao longo de sua configuração, com diferenças em função dos lugares sociais de sua construção, significações da profissão do jornalismo que muitas vezes não guardam nenhuma correlação histórica com o mundo do jornalismo. Mitos exacerbados ao extremo. Se no passado, acreditava-se, de fato, na imparcialidade e na objetividade, hoje se constrói o mito de uma ética particular, quando o que deve nortear esse pensamento ético é o universal.

Colocada à ética nesses termos é preciso ainda uma palavra final sobre o ensino. O ensino não é apenas a transmissão de um saber multifacetado. Ensinar é formar, é mostrar uma experiência de vida, é garantir uma visão compartilhada de uma vida que se quer feliz. É mostrar que os mesmos os saberes particulares só ganham existência se relacionados atavicamente à vida e ao contexto global da própria existência. É preciso fazer o nosso aluno refletir sobre quais são os problemas fundamentais de sua condição de ser humano? Quais as grandes questões de seu tempo?

Há exatos 23 anos quando ingressei na Faculdade de Comunicação para ministrar disciplinas de caráter técnico, pensava que o que deveria ensinar eram as técnicas de um ensino profissional, as técnicas que vivenciava diariamente na minha profissão de jornalista. Fiz isso, da melhor maneira possível naquele momento. Mas ensinar naquele instante para mim era apenas transmitir o conteúdo programático da disciplina, procurando cumprir os preceitos que uma ementa previamente apresentada direcionava. Aprendi ao longo dos anos, que essas técnicas – extremamente mutáveis – podem ser aprendidas pelos nossos jovens com uma rapidez inacreditável. Basta que se defronte com o que a vida coloca diante deles.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Mas aprendi também que ensinar vai muito além do que se ater aos conteúdos dos programas. Ensinar é formar. É formar um ser humano que apreendendo a sua condição de humanidade será, sem sombra de dúvida, um jornalista ético.